

Discurso do Presidente Samora Moisés Machel

TORNAR IRREVERSÍVEIS CONQUISTAS NA EDUCAÇÃO

Ao falar ontem em Maputo, o Presidente Samora Machel começou por referir-se aos sucessos obtidos pelo nosso povo em 1977, tendo afirmado em certo passo:

(...) Criámos o Partido de Vanguarda — a FRELIMO — Partido marxista-leninista. Traçámos directivas concretas para cada sector de actividade. Em resumo, escolhemos o socialismo para o nosso país, para o nosso desenvolvimento. Afirimos o búfalo, tocámos o ponto sensível do capitalismo.

Elegemos as assembleias do povo. Pela primeira vez o país inteiro votou, escolheu livre e democraticamente os seus legítimos representantes. Nesse processo, ouvimos falar pessoas que nunca tinham falado e assim ganharam-se novos militantes.

Portanto, o processo eleitoral para todo o nosso povo foi uma grande escola, foi uma grande educação política, foi uma grande revelação da unidade nacional. Foi aí onde detectámos os interesses fundamentais do nosso povo. Foi através do processo eleitoral. A nível da juventude, realizámos a I Conferência Nacional da OJM.

A Organização da Juventude deve organizar a juventude para o cumprimento das tarefas que lhe estão confiadas na fase presente. A Organização da Juventude deve educar a juventude na tradição heróica da FRELIMO, para edificar uma juventude socialista. A OJM deve desenvolver o seu trabalho na escola, na fábrica, no

quartel, no bairro, na aldeia comunal e em toda a parte.

Plantarmos a árvore da liberdade em toda a parte. Significa organizar a juventude. Plantar a árvore da liberdade em toda a parte. — significa organizarmos a nossa juventude.

É também um êxito que devemos assinalar a forma calorosa como a nossa juventude correspondeu, e não só correspondeu como também assumiu o apelo que a direcção da FRELIMO dirigiu em 8 de Março de 1977. Hoje são nossos quadros, povo são nossos educadores, povo são nossos companheiros, hoje são nossos combatentes nas fronteiras mais difíceis.

Por isso, uma saudação especial para esses jovens, que aceitaram e assumiram, compreenderam que a vitória constrói-se com sacrifício. Sem sacrifício não há vitória. E eles devem entregar-se totalmente ao serviço do povo, ao combate contra o obscurantismo, ao combate contra o analfabetismo, ao combate contra a superstição, ao combate contra as ideias tradicionalistas e reaccionárias.

Salientámos as nossas vitórias. É preciso também salientarmos as nossas insuficiências, os erros que resultam das nossas insuficiências.

O nosso processo conhece avanços e recuos. À vezes avançamos,

conquistamos vitórias e não sabemos consolidar essas vitórias. E essas vitórias vão-se transformar em recuos. E os recuos vão-se transformar em derrotas. E as derrotas vão-se transformar em desespero, em desânimo.

É uma importante característica nossa reconhecer e corrigir os erros. Lutar para superar as limitações.

A nível das escolas ainda não conseguimos implantar o Partido. E se o Partido não está ainda implantado ao nível das escolas significa que os alunos vivem dispersos, significa que os alunos vivem desorganizados, significa que os alunos vivem ainda o egocentrismo, significa que os alunos vivem o tribalismo, o racismo e o regionalismo. Significa que os alunos ainda vivem num estado primitivo. Ainda não implantámos o Partido, ainda não implementámos as orientações dadas na nossa reunião nesta sala em 8 de Março de 1977.

A nossa reunião não serviu para debates nas escolas. Essa reunião ficou letra morta.

Os alunos que estão aqui não conhecem... ouviram, discutimos juntos, trocámos impressões, mas se eu lhes perguntar agora o que é que discutimos no dia 8 de Março, as mais importantes deci-

ções, não me dirão. Não sei se alguns estiveram aqui em 8 de Março... Levantem os braços... Alguns nem têm coragem. A falta de coragem é uma qualidade do reaccionário, ouviram? É uma qualidade dos cobardes. A característica do revolucionário, mesmo que tenha cometido erros, a sua característica é a coragem de levantar o braço e explicar porque é que cometen o erro. Portanto, quem são os que estiveram aqui no dia 8 de Março? Levantem os braços. Quem são? Já são muitos. Abaixo os reaccionários! Digam lá: Abaixo os reaccionários! Viva os revolucionários!

Como ainda não instalámos o Partido, como ainda não implementámos as decisões tomadas em 8 de Março, o que verificamos. Verificamos em algumas das escolas crises, crises de autoridade, crises de autoridade nas escolas. Manifestações de crise quais são? Professores sem autoridade política, professores sem confiança em si próprios, professores sem autoridade administrativa porque não assumiram os princípios, não sabem quando é que estão errados e quando é que estão correctos. Quando é que estão a aplicar correctamente a linha da FRELIMO.

As vezes — estamos num processo de estudo, não é verdade? — praticámos a fórmula de comissões directivas nas escolas. Em muitos casos, não foi eficaz talvez porque dividimos a autoridade. A autoridade não pode ser dividida, não pode ser dispersada, a autoridade. A autoridade tem de ser concentrada e interiorizada. É o método que nós utilizamos na República Popular de Moçambique, particularmente quando se trata de reaccionários. Nós aplicamos a nossa autoridade. Autoridade — poder. Nós estamos conscientes que esta é a linha da FRELIMO esta é a directiva do Ministério da Educação, esta é a directiva e a orientação correcta da República Popular de Moçambique.

E portanto um nosso elemento representa o Partido, representa o Governo e tem autoridade para qualquer aluno, seja quem for. Acabámos já com os filhos dos senhores administradores, dos senhores governadores, que não podem ser punidos... Não eram pu-

nidos porque pagavam mais gorjetas aos reitores, aos professores, para fazer passar os seus filhos. Vocês não recebem gorjeta nenhuma, não é verdade? Recebem? Recebem gorjeta? (...)

(O Presidente Samora exemplificou algumas formas de suborno que eram praticadas com os professores e outros aspectos negativos do comportamento dos alunos que ainda verificam).

(...) Veremos isso mais adiante, esse comportamento. Percebemos que alguns alunos necessitam a transformação. Por vezes há professores também com baixo nível político e pedagógico, que perdem a autoridade perante os alunos. Todavia, estamos a avançar. Em 1977 duplicámos a população escolar do país. Alunos, professores e outros trabalhadores da Educação, esforçam-se por assumir cada vez mais a importância da sua tarefa. Apesar da difícil situação que nós sabemos — estamos conscientes disso — salas de aulas, material e programas, livros, etc., constituem maiores dificuldades para os nossos professores.

Depois desta breve enumeração das nossas insuficiências e das nossas vitórias, vamos ver o que vai ser o ano de 1978. Queríamos que o ano de 1978 fosse o ano de consolidação das conquistas realizadas. Em 1977, criámos condições para melhorarmos a qualidade do nosso trabalho. O ano lectivo que hoje começamos terá de ser diferente do ano de 1977. E alguns aí devem estar a perguntar: Como é que vai ser? Como vai ser diferente se as paredes serão as mesmas? O quadro preto será sempre o mesmo... As salas serão sempre as mesmas. Os professores serão sempre os mesmos.

Nós vamos tentar responder porque é que o ano de 1978 será diferente para nós. Deverá ser um ano de consolidação das nossas conquistas. Consolidar as nossas conquistas é tornar as nossas conquistas irreversíveis. Essa é a razão da nossa presença aqui convosco no primeiro dia de aulas. O primeiro dia de aulas, significa tomar posição, posição favorável para derrotar o inimigo, significar tomar posições para o combate.

Devemos conhecer portanto as nossas forças, devemos conhecer portanto o nosso nível combativo. Se

estamos ou não em condições de realizar este combate. É o momento de identificarmos e eliminarmos os defeitos e insuficiências que se revelaram no ano passado. Portanto, o que é que nós vamos fazer? Vamos fazer o balanço dos nossos sucessos. E das nossas dificuldades, detectar os erros que não devem ser transportados para o novo ano lectivo de 1978.

Estão aqui representados os professores de todo o país. Estão aqui cem ou duzentos, que representam um lugar importante no total do nosso país.

E estão aqui também representados os pais. Os que estão aqui representam os pais de um milhão e trezentos mil alunos. Eles têm a responsabilidade enorme de ser educadores da nossa juventude. Por isso saudamos calorosa e fraternalmente os pais que estão aqui a representar o restante da nossa sociedade. Todos nós temos responsabilidade na educação. E fariamos a perguntar: Quem é que não é da educação? Nós educamos a nossa juventude de várias formas. Através da nossa vida somos educadores. O modo como nós vivemos. Se estamos organizados, educamos bem. Se somos desmazelados, relaxados, também educamos, mas educamos mal. Quer dizer: O nosso comportamento, a vida que os pais levam, é mais do que as cinco horas que o aluno permanece em contacto com o professor. Por isso pedimos a presença dos pais aqui, pois não pode haver educação sem a colaboração total dos pais. Recai uma enorme responsabilidade sobre os pais.

A indisciplina manifestada na escola é um reflexo da vida que levam em cada dos pais.

Quando nós ensinamos como é que se maneja a faca e o garfo, como é que se senta na mesa, estamos a educar. Quando se fala com as pessoas adultas, estamos a educar. Educar é um campo bastante vasto. Portanto, não é só educação escolar, educação administrativa, mas fundamentalmente o ambiente em que vivem as crianças.

Por isso vimos desobediência nas escolas, violação constante das regras nas escolas e nós compreendemos. A primeira coisa que nós perguntamos é: Quem é o seu pai? O que faz o teu pai? É a tua mãe? Como é que vives em casa com os teus pais? Então eu vou interpretar

correctamente o comportamento do aluno. Portanto os pais têm uma enorme responsabilidade na educação, particularmente nesta sociedade nova que construímos na República Popular de Moçambique.

Aparecem nas escolas sem ter tomado banho, e a responsabilidade do professor é expulsar o aluno sujo. Aparecem nas escolas alunas com as blusas abertas, desabotoadas — a responsabilidade do professor... entendem a responsabilidade do professor? Aparecem com aquelas blusas chamadas «decotas» não é?... O pai e a mãe não viram quando eles saíram de casa de manhã? Aparecem na escola despendeados, de cabelo comprido, sujo, boca cheia de comida que comeu no dia anterior, dentes já amarelados, comida acumulada, parece um túmulo... quando abrem a boca todos nós fechamos, o nariz... Isso é culpa do professor?

Dormiu no dia anterior depois de jogar futebol, lá nos subúrbios e aqui no cimento também, com os pés sujos, dormiu com os pés sujos, sujou o lençol, sujou a manta, sujou tudo, no dia seguinte levanta-se, pega nos livros, nem sabe onde guardou os livros, foi ao jogo das pedras, e no dia seguinte acorda atrasado e o atraso é culpa da criança?

O que é que fazem os pais? Qual é a responsabilidade dos pais? Mesmo hoje, primeiro dia do ano lectivo... Eu vivi doze anos nas zonas de guerra, quando não tínhamos sapatos, quando não tínhamos roupa, quando não tínhamos cantinas, não havia absolutamente nada mas havia regras, havia regras, conhecíamos as escolas — escola Maguiguana, escola Nangade, escola Napa, escola Mucumano, escola Mueda, conhecíamos alunos imediatamente — estes são alunos de tal escola, tal escola, tal escola. Conhecíamos. Tínhamos lá, só na província de Cabo Delgado, mais de dez mil alunos. Sabíamos. Porque estavam organizados. Identificavam-se também connosco. Identificavam-se com o povo. Identificavam-se como alunos.

Mas também tínhamos na Tanzânia os campos de refugiados. No campo de refugiados não há Partido. Estão aqui alguns, estão a sorrir já, conhecem aqueles campos.

Esses alunos das zonas libertadas, havia competição, imediatamente identificavam-se, qual é aquela escola, qual é? Competição musical...

Agora não sei. Quem são estes que estão aqui? Mas eu vou dizer quem são estes. A imagem, pelo menos que me ficou quando eu entrei. Pareciam refugiados. Sabem o que são refugiados? Há um grupo que sabe, há outro grupo que não sabe. Os refugiados que nós tínhamos na Tanzânia e na Zâmbia, cantar não sabiam. Desde que nasceu nunca cantou, não é? Em segundo lugar, nunca souberam o que era o Partido. Terceiro, a vida colectiva, vida organizada, produzir colectivamente, criar uma coisa colectivamente, que é o produto de todos, a inteligência de um ser a inteligência de todos, o fracasso de um ser o fracasso de todos. Os refugiados não sabiam isso. Viviam o tribalismo, o racismo, o regionalismo, são característica de refugiados. Prostituição nas escolas de escolas. Crianças, raparigas de doze anos e treze anos já se entregam à bebedeira, a indisciplina é a característica da vida deles, a bebedeira, a droga — é que são refugiados. A sujidade, não haver higiene nem asseio. Por isso, de quando em quando, nos campos de refugiados havia epidemias de várias doenças, e uma só vez dizimavam duzentas, trezentas, quinhentas pessoas.

Particularmente crianças. Calavam a boca, não tomam banho, não lavam os pés, não lavam a roupa que utilizam...

Eu quando cheguei aqui olhei isto. Algumas alunas com lenço, outras com tranças ou sem tranças... Umam amarram lenços é assim... outras é assim, parece corno de diabo... E tudo isso está na escola da República Popular de Moçambique. Futuros quadros, futuros dirigentes da nação...

E e' se chegasse agora um grupo de hippies, qual seria a diferença? Se eu fosse ao campo de reeducação buscar os drogados e misturar com estes, qual seria a diferença? Por isso dizemos que o ano de 1978 tem de ser diferente.

Em relação aos pais, em primeiro lugar. Não sabem o valor da nossa escola. O governo gasta milhões e milhões de contos, e a prioridade dentro das prioridades damos à educação na República Popular de Moçambique. Tantas dificuldades que nós temos, mas damos prioridade à educação. Porquê?

Recrutamento de professores estrangeiros...

Vocês não sabem pentear-se? Não sabem pentear-se? Rapazes, não sa-

bem cortar o cabelo? Meninas, não sabem cortar bem o cabelo? Onde está o vosso orgulho? Vêm de capulanas, vêm de lenços na cabeça, vêm de camisinhas amarradas aqui.

Qual é a farda deste ano? Betas? Lenços? Eu gostaria de ver essa farda depois de três dias. Eu gostaria de ver essa farda depois de três dias. Eu gostaria de ver depois de três dias no corpo dos nossos alunos. Mas isso já é tarefa também dos professores. E dos pais. Por isso eu pergunto: quem é que não é da educação, afinal? Quem é que não é da educação? Somos todos da educação e sentimo-nos orgulhosos de pertencermos à educação, ouviram? Por isso, queremos dirigir-nos principalmente aos alunos, porque são eles o objecto principal das nossas preocupações.

Como se comportam os nossos alunos? Primeiro vejamos: Alunos conscientes, ouviram? Conscientes. Por isso quando abrimos esta reunião dissemos: Vivam os Estudantes! Viva o aluno consciente!

Na sua grande maioria, os nossos alunos são responsáveis. Falta-lhes o apoio em casa, às vezes, falta de exigência na escola. Isto tem que ser coordenado. A maioria são responsáveis, os nossos alunos. Se a FRELIMO vive ainda nas escolas, até hoje, é graças a esses conscientes, que são a maioria felizmente.

Esses alunos conscientes, responsáveis, assumiram a missão que o povo lhe confiou que é a do estudar e portanto esses alunos conscientes, esses alunos que são responsáveis são pontuais às aulas, participam activamente nas actividades políticas nas actividades culturais, nas actividades desportivas, participam eles. São os alunos conscientes, esses. Esses alunos conscientes engajam-se na produção. E mesmo quando estão de férias.

Eu visitei algumas fábricas onde tinham recebido listas de alguns alunos, esses alunos não foram trabalhar, faltaram à produção. Recusam o conhecimento prático.

Os nossos alunos procurem saber agora, na segunda-feira, se todos participam nas fábricas. Porquê? Porque alguns alunos tinham sido escalados para as padarias. «Eu ir trabalhar na padaria?» — alguns alunos fazem esta pergunta. E vocês devem dizer: E então? Para se definir, e para aderirmos porque é que ele diz: «Eu, ir trabalhar na padaria?».

Outros foram colocados aí nas torçedors, ainda outros em algumas fábricas de confecções... «Eu, intergrat-me com mulheres? Eu ir trabalhar com aquelas mulheres?» É assim ou não? Porque é que vocês não lhes perguntam porquê? «Eu, ir trabalhar com aqueles trabalhadores ali sujeitos?».

Os alunos conscientes mantêm limpa e asseada a escola. Esses alunos por que é que mantêm limpa e asseada a escola? Quando se trata de limpar as casas de banho são os primeiros. São conscientes. Quando se trata de lavar as escolas, lavar as carteiras, são os primeiros.

Encontramos estes problemas em Maputo, em Gaza, capital, Inhambane, encontramos, em Manica, encontramos Beira, encontramos, Quelimane e Tete e Niassa, Nampula e Cabo Delgado — Pemba. Encontramos esses problemas, são generalizados. Temos as nossas crianças alienadas, temos a tarefa de libertá-las.

Em algumas escolas lá nas capitais provinciais, ameaçam os professores, para agredirlos até, outras namoram, com doze, treze e catorze anos, já houve casos de gravidez — com o professor, com o aluno.

Portanto, é preciso fazer um combate, um combate enérgico, porque nós queremos libertá-los. Foram contaminados os nossos filhos pelos parasitas. Como desinfectá-los? Precisa lavar as casas de banho... «Ora, por que é que eu vou lavar as casas de banho? Em casa do meu pai eu não lavo, tenho criado, agora venho à escola tenho que lavar. Porquê? Por que é que tenho que lavar a escola?».

O pai tem criado lá em casa, o pai tem mainato lá em casa, o pai tem cozinheiro lá em casa. De onde vem o dinheiro para pagar a esses trabalhadores todos? De onde vem o dinheiro para pagar tanto pessoal? Vem da Rodésia? Vem da África do Sul? Vem donde? Tem uma máquina lá em casa para produzir moedas, dinheiro? Ham? Falem lá vocês. Os alunos quando estão na escola — é filho do Presidente da República, é filho do Ministro, é filho seja de quem for, todos são iguais na escola, na República Popular de Moçambique. Escola conquistada pelo povo.

As nossas crianças não são iguais? Esses que têm facilidades são os que chegam atrasados à escola.

Apesar do pai ter carro, são os que chegam atrasados. Tem carro, o pai, transporta, vai deixar na porta da escola, vai para o trabalho e o aluno abandona e vai encontrar-se com os amigos para chegar mais tarde — «faltou-lhe o transporte». Mas o pai foi deixá-lo na porta.

O aluno consciente conhece os problemas da turma e das secções e procura as soluções. Os alunos conscientes respeitam a direcção da escola e os seus professores. Aqueles que são educados em casa têm muito respeito e admiração pelos seus professores. Mas os mal educados em casa, porque não respeitam os seus próprios pais, como é que vai respeitar o professor na escola?

Os poucos que não se comportam assim, vamos tentar também descrever o seu comportamento. Esses em primeiro lugar actuam como agentes do inimigo. Como é que vamos fazer a esses? Aqueles que fazem propaganda da Rádio Quizumba na escola. Passa o tempo em vez de estudar, e analisar a situação interna, fala na Voz da Quizumba... Sabem quem são os que falam na Voz da Quizumba? Sabem? Por que é que escutam? Eles dizem: O nível da educação em Moçambique baixou. E estes: «Ah é verdade. De facto baixou, é verdade». «Nas escolas de Moçambique que agora há muita indisciplina, os serventes já não lavam a casa de banho, não limpam as carteiras...».

«Sim, o nível baixou, é verdade. E porquê? Seria bom que vocês dissessem isto: «O nível baixou porque os nossos pais foram expulsos das escolas. Eram professores, os nossos pais e foram expulsos das escolas. Os nossos irmãos eram professores da universidade eram professores das escolas secundárias — foram expulsos pela República Popular de Moçambique». Correcto? Correcto?

Os vossos pais não estão cá? Estão ou não estão? Estão em Cabo Delgado, estão no Niassa, estão em Nampula, estão na Zambézia, estão em Sofala, em Manica, em Tete, em Gaza, Inhambane, Maputo. Estão todos eles intactos nos seus postos de serviço.

Sabem que são os que saíram? Sabem quem são?

Portanto há esse tipo de alunos que trazem jornais, recortes de jornais para as escolas para comentar.

Em vez de comentar o texto, em vez de comentar o discurso do professor, em vez de comentar as orientações da educação, comenta o jornal do inimigo. Trazem revistas, pornografia, nas escolas nossas, nas escolas nossas. Particularmente os adultos, aqueles adultos que reprovam duas, três, quatro vezes na escola. Esses devem ser expulsos.

Têm os seus grupos, esses adultos, e depois têm os grupos dos novos que são seus admiradores. E esses grandes, esses adultos, são os chamados ídolos, os fortes. O ídolo na nossa escola é a nossa linha política, ouviram? O ídolo, o forte, na escola da República Popular de Moçambique é a linha do Partido. É a orientação que o Ministério da Educação dá — esse é que é o ídolo. Esse é que é o forte. O resto não. São fracos. Os outros são fracos. Os que introduzem nas escolas jornais e revistas, revistas que são financiadas pelo inimigo, são pagos, eles, por isso vêm fazer essa propaganda. Agentes provocadores. Quem quer ganhar os seus colegas para servir os interesses do inimigo actua ultra-camufladamente. (...).

Alguns andam com cabeleiras que parecem hipies, aí. Sujos, com cara de surumas. Olhos esgazeados, porque vivem noutra mundo, têm aquele outro mundo...

Propaganda de revistas e livros pornográficos introduzidos nas escolas para corromper os nossos alunos. Prostituição camuflada em todas as escolas, particularmente secundárias, particularmente onde há alunos adultos. Alunas que esperam e aceitam boleias nas estradas... Amigos... Esses amigos que rondam as escolas à hora das saídas...

Vamos combater toda a manifestação de indisciplina. Reprovações em massa. Porquê? Faltas contínuas às aulas, faltas contínuas aos exercícios, e portanto não têm nota para ir aos exames. É verdade ou não? (...).

Presidente Samora caracterizou outros comportamentos incorrectos de alguns alunos...

Onde vamos com isso? Amigos, vamos construir a pátria assim? Com este tipo de gente? Com este tipo de comportamento?

A partir de hoje, dia 16 de Fevereiro de 1978, nenhum aluno deve aparecer na escola com barba, nenhum aluno deve aparecer com cabelo grande na escola, nenhum aluno deve aparecer com cabelo

despenteado, nenhuma alma deve aparecer na escola com enços na cabeça.

(Estas orientações foram entusiasticamente aplaudidas, tendo o Presidente Samora cantado «Kanimambo FRELIMO», acompanhado por todos os presentes).

Tantos sacrifícios! Tantas vidas se perderam! Tantos nossos irmãos foram degolados na ilha do Ibo, tantos nossos combatentes foram mortos na cidade da Machava! Nossas mães, irmãs foram abusadas! Tantos moçambicanos foram deportados! Tantos moçambicanos foram humilhados!

Não podemos permitir isto! Nas nossas escolas não podemos permitir isto! Não aceitamos sacrifícios para assistirmos a isto! Não era isto que nós queríamos. Ao entregarmos-nos à luta de libertação nacional, que exigia vidas nossas, era para sermos amos nossos. Ganhámos a guerra porquê estávamos organizados e disciplinados. Não queremos nas nossas escolas isto. Não podemos. Assistimos todo o ano de 76, todo o ano de 77, a faltas contínuas, reprovações por falta de notas. Mas em algumas zonas rurais os alunos percorrem para ir à escola vinte quilómetros, vinte quilómetros para o regresso, quarenta quilómetros por dia, e chegam a horas certas.

Outras reprovam que é para não receber tarefas do Partido, na nona classe. Reprovam na nona classe porque têm emprego. Quem dá emprego neste país. O Estado. O Estado dos operários e camponeses. É o governo da República Popular de Moçambique que emprega a todos. Agora fogem da escola, fogem da tarefa para irem para um emprego. Quem lhes dá emprego?

Assistimos o racismo. Assistimos à arrogância de alguns alunos em relação aos professores. Assistimos igualmente a atitudes agressivas de outros para com os professores, particularmente professores estrangeiros, e quando esses estrangeiros são brancos.

Alguns alunos chegam a perguntar aos professores moçambicanos brancos «Quando vais para Lisboa?». Nova definição do cidadão moçambicano é a cor da pele.

Vocês é que definem os moçambicanos agora? Vocês é que definem quem são os portugueses? E quem são os que fazem este tipo de perguntas? São aqueles que vivem um pouco com a burguesia, que lambiam os pés da burguesia.

filhos daqueles que lambiam os pés da burguesia. Comiam as migalhas deixadas pela burguesia. Quando eram convidados ficavam na cozinha e quando regressavam a casa diziam que tinham comido na mesa com burguês. E hoje são os racistas. São os compadres dos burgueses, tinham a honra de entregarem os filhos para serem afilhados dos grandes proprietários em Moçambique. E são estes hoje que perguntam «Quando é que vai para Portugal?».

Os alunos mais velhos, além desse racismo, os alunos organizam-se em grupos segundo a região, nomeadamente nos centros internatos. Encontramos isso, além das escolas de internatos, também nos externatos. Temos internatos em Namaacha, temos internato de Ribaué, temos internato de Mariri, e ainda outros internatos. Em todas as províncias temos internatos. Organizam-se segundo a região. Regionalismo. Uns do norte, uns do centro, uns do sul. E ainda mais divisões. Vocês sabem. E depois: «Nós do norte, que lutámos, aqueles do centro que lutaram pouco, os do sul que não lutaram contra os portugueses»...

Lutaram. Estão no centro ainda, não é verdade? Provincianos. Quando é que lutaram? Olhem, um dia vamos dizer assim: Nas zonas de guerra até as galinhas lutavam... Tem doze anos, doze anos, quando é que lutaste? A guerra lutou doze anos e ele tem doze anos. Agora quando é que lutou? (...)

O regionalismo. O regionalismo é muito perigoso. Traz atrás de si o chauvinismo. Primeiro, o regionalismo dos que tiveram o privilégio de viver nas zonas libertadas...

«Quem libertou fomos nós»... Veteranismo. «Somos veteranos». Agora é veterano com doze anos? Quando assinámos o cessar-fogo, em 1974 tinha 9 portanto a guerra, era mais velha é um veterano...

A atitude dos alunos mais velhos: Recusa em se enquadrar nas escolas. Indisciplina permanente. Criam focos de indisciplina. São modelo de indisciplina. Se nós precisamos de descrever o que é indisciplina, o que é liberalismo, libertagem, utilizaríamos estes alunos. Encontramos lá o foco. Barulho na aula, onde está presente o professor, que representa o Partido e representa o Estado. Fazem barulho na escola.

Nós temos a Assembleia Popular, tem 207 membros, quando estamos reunidos, não há barulho. Nós te-

mos o Conselho de Ministros, estão quase todos aqui, temos o Conselho de Ministros, estão quase todos aqui, temos o Conselho de Ministros alargado, em que participam os governadores provinciais, que combateram — todos eles lutaram — são comandantes, se tivéssemos galinhas seriam generais, seriam brigadeiros, seriam coronéis, são eles os construtores da vitória, são eles que estão no Conselho de Ministros, são eles que estão nos governos provinciais, mas a nossa característica realmente é a disciplina.

Agora quem são estes alunos? Que quando o professor sai ou está no quadro fazem caretas? Partem giz, escrevem papelinhos, passam. Que aluno é este? E o professor o que é que faz. Ridicularizado, não é verdade? E vamos permitir isso? E quem são esses alunos, quem são eles? Papelinhos lá dentro — e o professor a ensinar — barulho lá dentro. Depois pergunta o professor, o aluno não responde, Arrogância, espírito de importante, importante porquê? Esses alunos assim, para que é que estão a frequentar a escola? Porque é que ficaram velhos? Não tiveram o sétimo no tempo colonial... Ficaram velhos... Porquê? Podem responder esses velhos que estão aí? Viviam onde, eles? Nem conheciam a porta do Liceu Salazar. Nem conheciam o machimbombo que transportava os alunos para a escola comercial.

(...) Por isso vamos tomar medidas graves em relação a esses. Expulsos e enviados para campo de reeducação. (Palmas).

São esses alunos velhos que tentam isolar os alunos mais novos que revelam consciência a responsabilidade da sua tarefa de estudar. Esses alunos velhos reprovam sistematicamente, praticam os vícios e a corrupção na escola. Na relação aluno-aluna, falta de respeito pela mulher. Falta de respeito pela pureza na escola. São estes. Os veteranos. Veteranos em reprovações. Já ganhou fama porque conhece todos os casos, por causa das reprovações. É uma choraa. O prémio é ser o primeiro nas reprovações. É este. Expulsamos estes. São maus. Podem ir para a actividade produtiva de outro tipo. Mas devem ser punidos primeiro. Não só expulsos. Punir primeiro.

Temos o poder. O nosso poder é para criar o homem novo, a nova mentalidade. Novo tipo de relações,

respeito e admiração pelos professores, porque são eles os nossos responsáveis.

Quem actua assim e porquê? É um grupo reduzido de alunos, felizes. Uns porque são ignorantes e inconscientes, não sabem por que é que estão na escola. Outros que agem deliberadamente como bairros do inimigo.

Agora diríamos, novo capítulo. O que significa estar na escola? Mas afinal o que é estar na escola? Estamos na escola só porque nos mandaram? Esta é a pergunta que deviam fazer todos estes alunos. Cada um. Estamos na escola só porque nos mandaram? Somos portanto iguais a um aluno do tempo colonial? Então a escola mudou ou não mudou? O que é que mudou? Vejamos: as carteiras são as mesmas, as paredes, os corredores são os mesmos. Mas a escola mudou. Ela já não tem nada a ver com a escola colonial. Mas alguns de vocês não compreendem a diferença. Não conhecem o longo caminho que percorremos até chegarmos a esta escola. Para compreendermos o significado de estar na escola, é preciso ver o que era a escola colonial, aquela escola onde vocês não podiam entrar. Quais eram os seus objectivos, quais eram os objectivos dessas escolas? Aí então compreenderemos que a nossa luta destruiu a escola colonial, a nossa luta destruiu a escola colonial.

O ensino e as escolas durante o colonialismo. Para sabermos o que são hoje as nossas escolas, é preciso conhecermos o que eram as escolas durante o colonialismo. A educação em Moçambique tinha como objectivo: Preparar os filhos da burguesia colonial para que continuassem a explorar e a oprimir o nosso povo. Dois: Inculcar nos moçambicanos uma atitude de servilismo. Três: Despersonalizá-los. Quarto: Negar a cultura moçambicana. Cinco: Fabricar assimilados.

O sistema de escola. Primeira característica, natureza racista. A natureza da escola colonial, da burguesia colonial racista. Há muitos professores aqui. Levantem-se lá alguns pretos que eram professores. De todos os anos de existência do colonialismo, onde estão, levantar-se-ão lá, onde estão? Com o sétimo ano só, já não falo da universidade. Sétimo ano só...

As escolas dividiam-se em duas categorias. Um: as escolas das mis-

sões, cuja principal função era administrar ao povo moçambicano a instrução primária e ensiná-lo a rezar. Rezar significa resignar-se. Dois: as escolas oficiais, para os filhos das classes dominantes e seus agentes imediatos.

As escolas das missões dividiam-se da seguinte forma: Ensino rudimentar. Segundo a própria lei portuguesa, o seu objectivo era: «conduzir gradualmente o indígena de uma vida de selvajaria a uma vida civilizada». Gradualmente... Isso incluía a primeira e segunda classes do ensino primário. E lá estava a primeira atrasada, lá estava a chamada segunda atrasada. Portanto, era quatro anos para a primeira e a segunda.

Ensino primário: ensinado aos raros alunos que foram aprovados no ensino rudimentar. Incluía: terceira classe rudimentar. Depois, terceira classe e finalmente quarta classe. Portanto, quatro anos para a primeira e segunda e três anos para a terceira e a quarta. Quantos anos? Sete anos para fazer a quarta classe. E só passava depois de saber ajudar à missa, ser sacristão...

O cardeal Teodósio Clemente Gouveia, chefe da igreja portuguesa em Moçambique, explicava assim os objectivos do ensino colonialista: «Tentamos atingir a população nativa em extensão e em profundidade para os ensinar a ler, escrever e contar, não para os fazer doutores. De modo a fazer deles prisioneiros da terra. As escolas são necessárias, sim, mas escolas onde ensinemos aos nativos a grandeza da nação portuguesa».

Está aqui, está aqui perto, o cardeal, está enterrado aqui. Se ele se pudesse levantar havia de vir testemunhar agora... A alma está viva não é verdade? Está... Foi para o céu... E se nos dirigirmos a vos seremos ouvidos...

Nas escolas oficiais, destinadas às zonas urbanas. Dentro das escolas oficiais havia: a escola primária. Situavam-se exclusivamente na cidade de cimento. Em todo o nosso país, havia as escolas dos subúrbios, raras, mal construídas e sem condições, que eram as escolas para os filhos dos trabalhadores.

No ensino secundário, os filhos dos trabalhadores, saídos das escolas primárias dos subúrbios, so-

muito raramente tinham acesso ao ensino secundário. As escolas técnicas e industriais destinavam-se aos filhos de raros trabalhadores e para os filhos das classes médias: os filhos dos cantoneiros, dos agricultores, dos pequenos funcionários públicos dos trabalhadores e operários europeus, dos enfermeiros, dos professores primários, dos pequenos comerciantes, os filhos das famílias consideradas «assimiladas» — iam para estas escolas técnicas e industriais.

Quem é que ia aos liceus? Para os liceus iam os filhos dos grandes proprietários colonialistas, dos homens das grandes companhias, os filhos dos maiores comerciantes e industriais, os filhos do senhor governador geral, os filhos do senhor procurador da República, do senhor secretário-geral da «provincia de Moçambique», os filhos dos senhores secretários provinciais, dos governadores de distrito, dos administradores, dos independentes, dos directores dos serviços, dos médicos, dos advogados, dos senhores doutores todos. Iam os filhos dos comandantes militares, dos oficiais superiores do exército colonial, da marinha e da aviação, os filhos dos directores da PIDE...

Vocês estão nessa categoria? Estão nessa categoria?

Características do aluno da escola colonial? A característica principal do filho da burguesia colonial é a arrogância, a insolência, a turbulência, o desprezo, a violência, a agressão aos colegas mais novos, a recusa da disciplina — são as características do aluno da escola colonial filho dos burgueses. A sua linguagem está cheia de palavras, está cheia de palavras feias, baixas... Esse filho da burguesia está impaciente por terminar a escola e ir ocupar o lugar que já lhe está reservado na sociedade colonialista. O lugar de substituto do pai. Substitui o pai na gerência, no consultório, no cartório e na exploração.

E vocês? Qual seria o vosso lugar na escola colonial? O que é que vocês têm a ver com os filhos da burguesia colonial? Não têm nada a ver? Então por que é que vocês imitam e assumem o comportamento dos filhos da burguesia colonial? Aquilo que estão a fazer agora é precisamente aquilo que era feito pelos filhos da burguesia colonial.

Estas paredes das nossas escolas eram construídas com sangue para os filhos dos ricos. As paredes eram para riscar, escrever palavras, as carteiras e as casas de banho eram para riscar e partir.

E vocês, que andam riscar as carteiras e a escrever palavras nas paredes das escolas, e nas casas de banho? Porquê? Porque havia contínuos para limpar sempre a sujidade. Quem eram os contínuos? São os vossos pais. Sujam, riscam, escrevem palavras, são os vossos pais que vêm limpar. Não têm consciência. Eles faziam isso porque desprezavam o povo e os operários que tinham construído a escola. Para nós, para vocês, cada sala de aula é uma zona que nós libertámos. É resultado de uma emboscada — que não estava isolada do restante do combate. Para libertar cada uma das salas de aula, morreu pelo menos um moçambicano.

Alguns entre vocês não entendem isso. Por criancice, talvez, por ignorância, por inconsciência.

A escola na FRELIMO. Para o nosso povo o colonialismo era igual à ignorância. Por isso logo que começou a luta armada, os velhos vieram falar com a direcção da FRELIMO. Pediram que houvesse escolas para os filhos. Estudar era uma forma de lutar contra o colonialismo. Porque era lutar contra o atraso. Estudar não era uma brincadeira. Era preciso caminhar longas distâncias, era preciso evitar as emboscadas do inimigo, era preciso marchar debaixo das bombas, era preciso marchar por cima das minas do inimigo. Era preciso esconder-se dos aviões e bombardeamentos.

O papel da luta armada foi de agente acelerador. A luta armada foi a escola, a grande universidade, o laboratório onde se forjaram os militantes da FRELIMO. Unidade e consciência nacional, foi na luta armada de libertação nacional. E pela primeira vez em toda a história do nosso povo, moçambicanos de todas as partes se encontram, trabalham, vivem e lutam juntos. Juntos passam momentos difíceis, compartilham alegrias, morrem juntos, sofrem juntos. Compartilham alegrias e compartilham também as nossas vitórias.

É na luta armada que os moçambicanos superaram mitos tribais, superaram mitos raciais ape-

raram mitos regionais. A luta armada obrigou a planear, a organizar trabalho. As vitórias e as derrotas que tinha, as derrotas e as vitórias, exigiam um estudo científico, para evitar novos erros, evitar perder vidas de camaradas e evitar os chamados sacrifícios inúteis e ganhar novas vitórias.

O colonialismo tinha destruído a iniciativa do nosso povo, levou muitos anos a dizer que os moçambicanos eram incapazes. A luta armada estimulava a iniciativa, o espírito criador, o espírito fica livre, livre de intrigas, livre de boatos, livre de calúnias, livre do desprezo pelo trabalho manual, livre de todos os mitos supersticiosos. Surgem muitas ideias novas, cada um procura como neutralizar o inimigo, como melhorar a nossa vida. A luta armada consolidava o espírito de confiança nas nossas forças. Foi na luta armada que os quadros se revelaram e as pessoas se desenvolveram e ganharam novas qualidades e capacidades. E as qualidades e capacidades que já tínhamos eram consolidadas no processo da luta.

Aqueles que começaram a ser admitidos nos liceus em 1968, 1969, foi por causa da nossa luta. Não foi porque o colonialismo mudou, como muitos pensam. O inimigo só nos atacava com os bombardeamentos? Não. É a primeira vez que encontramos este tipo de comportamento no seio dos alunos? Também respondemos: não. Alguns pensam que as escolas das zonas libertadas, a nossa escola secundária de Bamamoyo, o centro educacional de Tunduro, eram escolas perfeitas. Nós respondemos: não. Porque é que atingiram esse nível? Porque havia um combate permanente entre as nossas ideias as do inimigo, entre a nossa maneira de viver e a do capitalismo.

Na FRELIMO, nós temos uma experiência dura, a da crise de 1967-68, entre os nossos alunos do ensino secundário. É por isso que quando vemos este tipo de manifestações ao nível das escolas secundárias, recordamos o nosso passado. Embora tenha uma parte diferente, mas os objectivos e aqueles que fabricam, produzem, agentes provocadores, sempre são os mesmos.

Ao longo de anos, o colonialis-

mo e o imperialismo infiltram agentes nas nossas escolas. Em Bagamoyo, no Instituto Moçambicano, em Tunduro, nas zonas libertadas, sempre o imperialismo infiltrou os seus agentes para aprenderem a linha da FRELIMO para permitir a sua destruição no futuro. E agora, a que estamos a assistir ao nível das nossas escolas?

E para isso o inimigo utilizou a corrupção. Fomentou os gostos burgueses e decadentes, inculcou o espírito de elite, utilizou o racismo e o tribalismo. As nossas escolas foram um dos alvos principais do traidor padre Gwengere, Mateus Pinho Gwengere, dos agentes do Jorge Jardim, que se infiltravam em várias direcções, primeiro ao nível da direcção da FRELIMO, ao nível das escolas, ao nível do exército para produzir aquilo a que chamava desertores, Nos hospitais e em toda a parte incluindo nas grandes colunas que transportavam o material, incluindo nas nossas cooperativas.

Esse vosso grande homem — daqueles que são reacccionários, que ouvem a Voz da Quizumba, que é a voz do Jardim — fez isto para a luta do povo moçambicano.

Crise de 1968, no Instituto Moçambicano. Os ataques à nossa linha política manifestaram-se abertamente. Como? Através do racismo. Felizmente temos um aqui que foi expulso... O nosso reitor da Universidade Eduardo Mondlane. Os chamados «grandes revolucionários» diziam «É branco, o que é que você quer aqui da luta da FRELIMO? Por isso nós não podemos tolerar o racismo. E o que é que fizeram em seguida, o que é que fizeram esses que colocaram a faca no pescoço dos nossos camaradas brancos — moçambicanos brancos — quando não conseguiram fazer desertar o nosso militante, foram homens que se juntaram ao inimigo abertamente. Onde está o racismo então, onde está a pureza da raça? Onde estava o seu revolucionarismo?

Temos esse tipo de alunos agora nas escolas em todas as províncias, particularmente nas escolas secundárias. Esses alunos já os conhecemos, já os identificamos. Vamos neutralizá-los.

Através de actos de ameaça e violência contra os professores

moçambicanos brancos, contra os professores estrangeiros, contra a direcção da escola — manobrados e infiltrados pelos agentes do inimigo, alguns dos nossos estudantes negaram-se a combater. Como agora alguns se negam a combater as manifestações de indisciplina. Eles diziam que eram os futuros governantes de Moçambique independente. Quem devia combater, diziam eles, era a massa bruta e sem instrução e não eles, que eram excluídos. Negaram-se a participar na produção dizendo que eram intelectuais. Eram intelectuais... Coitada desta palavra... Quando querem provar a sua capacidade dizem que são intelectuais.

Os alunos incapazes nas escolas, para justificarem as suas reprovações, é porque «sou intelectual e o professor não entende a minha linguagem»... Coitado do intelectual... Não acham? Reprovou porque o professor não foi capaz de classificar o seu ponto... Não entendeu! Então dizemos, que esse aluno é confuso, não soube expressar-se, para toda a gente compreender. Ele é confuso.

Portanto, eles diziam que não podiam participar na produção porque eram intelectuais, porque eles eram futuros doutores, eram futuros engenheiros e médicos, eram futuros ministros e embaixadores. Onde estão eles? Onde estão eles? Todos os governadores — governadores da República Popular de Moçambique — foram produzidos pela luta de libertação nacional. Todos os nossos embaixadores colocados foram produzidos pela guerra. Todos os nossos ministros e muitos responsáveis foram produzidos pela guerra, pela luta do povo moçambicano. São um produto do povo.

Quando nós morremos e dizemos «coitado do povo», não é do povo, pois o povo nunca morre. Em todo o mundo a coisa mais velha da história é o povo. E é sempre jovem. Morrem as pessoas que fazem parte do povo, mas o povo nunca morre. Por isso tem a capacidade de produzir em cada século, em cada época, em qualquer circunstância, os seus dirigentes.

Foi na luta que aprendemos que as escolas são centro da revolução ou centros da reacção. Foi aí que nós aprendemos que, quando se trata da escola, não há meio ter-

mo. Nas escolas das zonas libertadas, o inimigo infiltrava alunos — alunos seus agentes — para criar indisciplina, desorganizar a escola. E recebiam como sguate dez escudos. Estes que levam a propaganda do inimigo para a escola, deviam perguntar-lhes: Quanto é que levam? Cada propaganda que faz na escola perguntem-lhe: Quanto recebeste? Ouviram?

Passaremos a perguntar, cada propaganda, cada indisciplina, a nossa pergunta será esta: Quanto recebeste por isto? E vocês vão descobrir: recebeu 65 escudos, recebeu uma lata de sardinha, recebeu chinelos, recebeu uma saia, recebeu luvas que vieram da África do Sul quando não há aqui esse tipo, para provocar indisciplina na escola. São agentes todos aqueles que produzem a indisciplina na escola, mas recebem alguma coisa. Aqueles que estavam nas nossas escolas no tempo da guerra, cada um recebia dez escudos, às vezes um púcaro de sal, outras vezes uma lata de sardinha.

Como há grandes bichas, agora, cinco quilos de arroz, para ir fazer indisciplina, desordem, ameaçar, agressões, violência, praticar liberalismo, libertinagem nas escolas. Só para receber cinco quilos de arroz. Pergunto, estou a perguntar já: Quanto recebeste por cada comportamento de arrogância, insolência, despresos, pergunta-se: Quanto recebeste por isto? É a primeira pergunta que se põe. Aos alunos indisciplinados: Quanto recebeste? Faltas de respeito aos professores. Falta de pontualidade: com quem estava, com quem estava a conversar, quem te fez atrasar!

(...) Tenham cuidado em identificá-los nas escolas imediatamente, pelo seu comportamento estranho a essa sociedade escolar. Ouviram? Que seja afastado, que seja combatido.

A indisciplina, o elitismo, a corrupção e os vícios são armas do inimigo nas nossas escolas. Há indisciplina, há elitismo, há corrupção e os vícios — são armas do inimigo.

Como actuava o inimigo nas escolas? Começava de forma quase despercebida, corrompia um ou dois alunos. Já ganhou. Já terão um ou dois agentes que vão fazer barulha na escola. Já ganhou. Como a galinha come: grão a

grão. Assim o inimigo: ganha um, ganha dois, ganha três. Já são três bocas a falar por ele, a difundir a propaganda do inimigo. Uns poucos alunos ganhos pelo inimigo podem subverter uma escola inteira. Nunca menosprezar: «Tão poucos não vão fazer nada».

Voltá-los, todos aqueles que podem, todos os outros alunos, voltá-los contra o povo. As pequenas manifestações de racismo, de regionalismo, de indisciplina, de corrupção, por pequenas que sejam têm de ser combatidas enquanto são pequenitas. São ervas daninhas que crescem rapidamente até envolver todo o corpo e destruí-lo.

Nós participaremos activamente nesta luta. Foi nesta luta que os nossos alunos se tornaram modelo e a escola foi efectivamente uma base para o povo tomar o poder. A Escola Nova é o resultado de conquistas sucessivas. É preciso batalha. Hoje, aqui, temos a mesma luta. Aqui, temos a mesma luta. O que significam, portanto, os maus comportamentos? São as pequenas manifestações da acção do inimigo, são acções iguais às dos pidezitos a que nos assistimos. Portanto, afastemos os maus elementos. Em todos os sectores, o nosso problema principal é o dos quadros, é o dos quadros. Temos muitas riquezas em Moçambique e poderemos viver bem, mas precisamos de formar quadros. É por isso que nós estamos aqui, é por isso que nos estamos preocupados pela Educação, é por isso que nós dizemos temos a Educação. Podemos fazer tudo isso, viver bem no país, construir o socialismo. Com analfabetos indisciplinados, podemos fazer?? Podemos construir o socialismo, desenvolver tanta riqueza que nós temos em Moçambique, construir barragens, represas de água, lagos, indústria pesada, fábricas de automóveis, com analfabetos indisciplinados, podemos fazer? Termos dinheiro, ter agrónomos, ter economistas, termos médicos com analfabetos e indisciplinados?

Por isso, teremos que ser enérgicos e incisivos em relação a esses elementos. Qual a atitude a tomar, em relação a esses indivíduos que deliberadamente sabotam a disciplina nas escolas. É necessário neutralizá-los, isolá-los, como já dissemos anteriormente. Além dos jovens que querem estudar e não têm lugar nas escolas, não vamos perma-

tir que uma minoria cause a perturbação e indisciplina. Queremos dizer que não há lugar na República Popular de Moçambique para alarme e distúrbios, não há lugar para desordens, não há lugar para a indisciplina.

Alguns, esses que reproam propositadamente, significa roubar ao povo. Essa minoria não tem o direito de perturbar as nossas escolas. Esse direito custou sangue, custou vidas, não pode ser confiado àqueles que servem a causa do inimigo. Vamos expulsar os maus elementos. Uma das primeiras medidas tomadas pelo Governo da República Popular de Moçambique, logo após a independência, foi a nacionalização das escolas. Materializamos assim a grande vontade do nosso povo de pôr a escola ao serviço das largas massas, mas a escola porque lutávamos não é uma escola igual à do colonialismo. Não estávamos a pedir para nos sentarmos ao lado do filho do colonialista, filho do senhor administrador, não queremos ser macaca de imitação dos alunos colonialistas. Vocês são filhos de gente pobre, são filhos de trabalhadores, não são filhos de burgueses, devem ser orgulhosos da vossa classe. Não queiram emitar a burguesia, lutemos por uma Nova Escola. Tudo que conquistámos ao longo da luta poderemos perder, se não tivermos

cuidado com as coisas.

(...) Para que o ano lectivo de 1978 seja de facto um ano diferente de 1976, um ano diferente do de 1977. Saudamos particularmente os professores, professores estrangeiros que abandonaram as suas pátrias para poderem participar na reconstrução de Moçambique, na criação do novo homem.

E queremos pedir aos alunos, um apelo especial aos alunos, para estudarem com cuidado esta nossa intervenção aqui, que vai ajudar a modificar a nossa vida. Em breve é agora estamos recebendo muitos professores que vêm de Portugal para vir ensinar. Os reaccionários vão concentrar toda a sua atenção contra os professores portugueses. Primeiro queremos fazer esta afirmação: Esta atitude não deve, aos professores estrangeiros, não deve significar ou reflectir a vontade do Povo moçambicano. A atitude do Povo moçambicano é de fazer da luta dos outros povos a sua luta. A vontade do povo moçambicano é de promover, é de desenvolver, consolidar a solidariedade para com todos os povos e particularmente para com aqueles que vêm ajudar nesta luta difícil, vêm ajudar o Povo moçambicano. Mas também não ficarão impunes aqueles que manifestarem atitudes discriminatórias em relação aos professores estrangeiros, particularmente em relação

aos portugueses. Muitos dirão, vocês os portugueses, em 21. 02. 78.

(...) E muito obrigado a todos. Que seja um bom ano, um ano de felicidade, um ano de sucessos, um ano de estudo, um ano de combate, um ano de não reprovações, um ano de reestruturação das escolas, um ano de consolidação das vitórias que já conquistamos, um ano de novo tipo de relações aluno-professores, aluno-professor-família, um ano de grandes vitórias e assim diremos. Temos a Escola Nova, embora construída com as mesmas paredes, com o mesmo pessoal, temos a escola para realmente produzir a nova mentalidade, para produzir o homem novo que construirá o socialismo em Moçambique, o homem que combaterá permanentemente, sem tréguas, o capitalismo, o imperialismo, o homem que será solidário para com a luta de todos os povos, particularmente os povos que continuam oprimidos (...) e muito obrigado a todos.

(Pedimos desculpas por algumas falhas na transcrição deste importantíssimo discurso do Presidente Samora. As mesmas devem-se às más condições de captação das suas palavras através da Rádio).

(De: "Notícias da Beira", 1978-02-17)